

## Sobre vícios, mídia e governos

Gabriel Leão

**P**ara sua última publicação *Era Uma Vez... Mil Vezes – O Brasil de Todos os Vícios* (2012), o livre docente pela USP em Comunicação, Prof. Gaudêncio Torquato dialoga com autores da Ciência Política, Comunicação, História e Geografia como Nicolau Maquiavel, Serge Tchakhotine, Guy Debord, Roger-Gérard Schwartzberg, Sergio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre e Milton Santos para compor um panorama político nacional desde os fins de 2002.

Os textos presentes na obra foram publicados anteriormente na coluna de Torquato no jornal *Estado de S. Paulo*, apresentando sua visão de questões brasileiras, numa perspectiva muito influente nos ambientes político e acadêmico.

O trabalho aborda os problemas da política contemporânea como sua crescente midiaticização, intrínseca à Sociedade do Espetáculo preconizada por Debord em livro homônimo, e os revezes oriundos da corrupção, um mal gerido na raiz da formação da nação.

Outras “tradições” da política nacional também são abordadas como o coronelismo, o clientelismo e o paternalismo; correntes que encontram ecos no populismo e ressoam nos corredores dos prédios do poder no século XXI.

O livro de Torquato também é dividido em “vícios” separados por capítulos; a crise democrática no século XXI, os “ismos” da cultura política da República, o sistema institucional, o espetáculo no jogo político e os futuros possíveis para a atual conjuntura.

No primeiro capítulo os textos apresentam como a tecnocracia cresceu com o mundo globalizado. O perfil de líderes que comandam de tal maneira se fortaleceu e encontra figura representativa em nomes como Angela Merkel da Alemanha.

### Uma Vez... Mil Vezes – O Brasil de todos os vícios

Gaudêncio Torquato

São Paulo:

Top Books, 2012. 397 p.



O setor privado crescente se alia com o setor político e ambos formam uma tríplice aliança com a alta administração. Os atores sociais perdem suas vozes assim como as instituições democráticas perdem poder para as entidades de negócios. Portanto a obra também encontra paralelos com os trabalhos do geógrafo Milton Santos.

Na segunda parte é possível ver um autor clássico como Thomas Hobbes de *O Leviatã* dono da máxima “O homem é o lobo do homem” travar um diálogo com Buarque de Hollanda de *Raízes do Brasil* quando Torquato traça uma linha temporal na qual a divisão do país em capitânicas hereditárias do século XVI mantém influência no sistema político e de distribuição de poder contemporâneo.

Ao abordar os votos de cabresto e os coronéis de séculos passados e seu paralelo com os milicianos e traficantes do final do século passado e início deste, assim como a emergência destes marginais na vida pública e a coação do eleitorado por meio de armas, é possível notar semelhanças entre as duas eras, em uma esfe-

ra em que a regra parece ser o popular “pode mais quem chora menos”. O livro em questão aborda a situação vivida pelo deputado Marcelo Freixo, que em 2012 lança sua candidatura pela prefeitura do Rio de Janeiro.

A forma como aborda o coronelismo e sua hereditariedade, assim como a questão das capitânias, pontua uma compreensão do sistema de poder estabelecido em estados do eixo centro-oeste, norte e nordeste onde famílias se conservam no núcleo de poder político-financeiro há longos períodos.

Destas mesmas famílias e grupos de poder saem ramificações que transformam Brasília e outros espaços em um tabuleiro político de “trocas de favores” nos quais o Brasil sofre uma frenagem em seu processo democrático favorecendo uma exígua minoria.

Ainda nesta parte do livro há observações sobre o período Lula, sua conquista em 2002, os dois mandatos e a sua saída em 2010. Para Torquato, o ex-operário que dirigiu a nação mais forte da América do Sul é um fenômeno de marketing político. Entretanto a leitura do autor demonstra como um mandato aprovado pela maioria teve passagens maculadas pelos “ismos” brasileiros tanto os de Lula como os de seus companheiros e rivais.

Lula tem o perfil traçado, um presidente com trejeitos imperiais, uma herança de Portugal segundo o autor. A política brasileira é personalista, o que prejudica a chance de implantar o parlamentarismo e beneficia personagens como Lula.

Este personalismo abre entrada para o terceiro ato no qual é exposta a falta de poder do Judiciário e principalmente do Legislativo diante do Executivo. O último acaba passando como um titã sobre o segundo e o Judiciário tem sua maior visibilidade quando julga casos de corrupção, sendo estes muitas vezes midiáticos. A falta de poder no Legislativo, o qual muitas vezes é visto como trampolim para o Executivo ou mesa de negociação, alija o Brasil de suas instituições democráticas.

O funcionamento da máquina com suas engrenagens junto dos peões que a movi-

menta e seus regentes está englobado no cenário da espetacularização da política, a quarta parte do trabalho.

As imagens se sobrepõem às ideologias, o político se preparou para agradar os meios de comunicação e posteriormente passa a ser formado dentro deles. “A mídia cria pautas, determinando ações e comportamentos políticos”, explica Torquato.

A pirotecnia dos líderes em suas aparições é rastreada em exemplos como Luis XIV e Adolf Hitler tendo ressonância em exemplos atuais nos seus gestos, falas e modos de se apresentar. O perfil midiático é ainda mais favorecido pela política personalista empregada no Brasil.

O abuso do palanque também é tratado, Torquato defende o limite entre o discurso para definir propostas e transmitir medidas tomadas e a verbosidade para amealhar seguidores com palavras de fácil assimilação e pouca profundidade.

No fechamento, o autor observa propostas que ganham musculatura para alterar a política, porém, como ressalta Maquiavel, as mudanças são sempre difíceis de serem obtidas, pois provocam a velha ordem enquanto outros são inseguros diante delas. O Brasil ainda não enfrentou muitas das reformas propostas nas campanhas de Fernando Henrique Cardoso e do já mencionado Lula.

No final do livro Torquato delibera sobre possíveis soluções para questionamentos brasileiros como o voto distrital e também discute decisões sobre pesquisas com células tronco e as Leis Maria da Penha e Ficha Limpa.

Apesar de ser uma coletânea de textos, há elos entre as páginas e o material pode ser visto como uma análise do Brasil Contemporâneo, seus avanços, dilemas e resoluções.

*(resenha recebida set.2012/aprovada nov.2012)*

**Gabriel Leão**, mestre em Comunicação formado pela Faculdade Cásper Líbero e Bacharel em Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.